

CASO ANNA CINTRA

ESTUDANTES CONVOCAM COMUNIDADE PARA NOVA AUDIÊNCIA NO TRIBUNAL DE JUSTIÇA

Na próxima quarta-feira, 4/9, às 9h30, no Tribunal de Justiça de São Paulo, acontece mais um desdobramento jurídico do caso Anna Cintra. Desta vez serão julgados os chamados agravos de instrumento interpostos na ocasião da decisão em primeira instância.

Para o Conselho de Centros Acadêmicos da PUC-SP (CCA), esse julgamento poderá representar o afastamento da professora Anna Cintra da reitoria da universidade, até que aconteça o julgamento de mérito da questão. Por isso eles convocam a comunidade a comparecer no dia 4/9, no Tribunal de Justiça, para acompanhar o processo.

O CCA também divulgou uma nota à comunidade esclarecendo os possíveis desdobramentos do julgamento (leia ao lado). O Tribunal de Justiça de São Paulo fica na Praça João Mendes, centro de São Paulo, e o julgamento acontecerá na sala 609, às 9h30.

Citado na matéria sobre as manifestações no aniversário da PUC-SP o diretor da FEA Francisco Antonio Serralvo enviou sua resposta ao *PUCviva*, que publicamos na íntegra na página 4 desta edição.

Carta do Conselho de Centros Acadêmicos da PUC-SP

O movimento estudantil da Pontifícia Universidade Católica convida toda a comunidade universitária para presenciar o julgamento dos agravos de instrumento número 0002431-56.2013.8.26.0000 e 0001913-66.2013.8.26.0000, no Tribunal de Justiça de São Paulo, às 9h30 do dia 4/9/2013, o qual poderá determinar um grande avanço rumo à vitória judicial frente a Anna Cintra, Fundação São Paulo, Dom Odilo Scherer e a PUC-SP.

Vamos explicar um pouco: os agravos de instrumento foram interpostos contra a decisão liminar do juiz de primeira instância, datada do dia 13/12/2012, que reconheceu, em caráter liminar, o direito da comunidade universitária. Ao primeiro agravo foi concedido efeito suspensivo, de forma a manter a candidata Anna Maria Marques Cintra na reitoria até a sentença.

No dia 5/8/2013 foi publicada a sentença de mérito em primeira instância, que julgou procedente a demanda da comunidade. Dessa decisão foi interposto o recurso de apelação por parte da Fundasp, o qual foi

recebido e concedido efeito suspensivo, mantendo, mais uma vez, a professora Anna Cintra na reitoria. Este efeito suspensivo, porém, só foi concedido, pois, os agravos ainda não foram julgados, de forma que o juiz não decidiu pela perda de objeto dos mesmos, ou seja, como o processo em primeira instância já se findou os agravos deveriam deixar de existir.

Nesses termos, os agravos serão julgados no dia 4/9/2013, oportunidade em que há grande possibilidade de o Tribunal de Justiça reconhecer a perda de objeto dos mesmos. Assim, o efeito suspensivo deixará de existir e a professora Anna Maria Marques Cintra será imediatamente afastada da reitoria, até o julgamento final da Apelação da Fundasp.

Nas palavras do juiz Anderson Cortez Mendes, da primeira instância, que julgou nossa demanda em favor do Centro Acadêmico "22 de Agosto" e de toda a PUC-SP:

"1) Recebo o recurso de apelação interposto por FUNDAÇÃO SÃO PAULO - FUNDASP, mantenedora da PONTIFÍCIA UNIVER-

SIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC/SP (fls. 977/1002), tanto no efeito devolutivo quanto, POR ORA, no efeito suspensivo, ficando a parte adversa intimada para a oferta de contrarrazões. Nessa ordem de ideias, cumpre observar que negado provimento ou reconhecida a perda do objeto dos agravos de instrumento no 0001913-66.2013.8.26.0000 e 0002431-56.2013.8.26.0000, uma vez que a sentença confirmou a antecipação dos efeitos da tutela jurisdicional, a apelação ostentará efeito meramente devolutivo, por força do artigo 520, inciso VII, do Código de Processo Civil, de sorte que o decisum impugnado será passível de execução provisória."

Portanto, é fundamental que todos compareçam no julgamento. Estaremos na expectativa de que a Justiça reconheça o devido processo legal e decida pela perda de objeto dos agravos. Assim, a Anna Cintra será afastada de imediato da reitoria pelo bem da comunidade universitária.

Compareçam.

EDITORIAL

Barbárie não se combate com mais barbárie

A imprensa precipitou a campanha norte-americana de que agora as potências atacariam a Síria. Os famosos especialistas e comentaristas ecoaram o grito de guerra limitada, emitido por Obama, Cameron e Hollande. Movimentaram-se com a quase certeza de que Assad era o responsável pelo uso de armas químicas.

A "linha vermelha" traçada por Obama na epiderme da sanguinária guerra civil havia sido mais uma vez violada pelo governo. As centenas e centenas de vítimas de gases venenosos, entre elas uma grande quantidade de crianças e mulheres, puseram em relevo a situação dantesca da Síria. A guerra civil já dura mais de dois anos, com mais de cem mil mortos. A França elevou o tom belicista do humanitarismo imperialista contra as armas químicas e o regime genocida de Assad. A Inglaterra engrossou o coro dos intervencionistas. E os Estados Unidos se encarregaram de orquestrar.

Mas quem de fato lançou o ataque químico? A Rússia aliada da Síria acusou os opositores. O governo negou ser o responsável. Os inspetores da ONU vão apresentar um relatório brevemente. Os Estados Unidos, logicamente, já têm a certeza de que foi Assad. Dizem ter como prova uma conversa entre autoridades sírias, obtida pelo serviço de espionagem. Os navios de guerra foram colocados a postos. Os mísseis cairão como chuva sobre Damasco.

Apopulação inglesa e francesa, em sua grande maioria, não apoia que seus países se envolvam em mais uma guerra de intervenção. Ainda estão frescos, na memória, os bombardeios aéreos sobre a Líbia. Ainda há lembranças sobre as mentiras de Bush que serviram como pretexto para invadir o Iraque.

O Parlamento inglês não autorizou Cameron a compor a força de ataque. O primeiro-ministro não apresentou pro-

vas definitivas de que Assad é o autor da matança. O Conselho da ONU foi posto de lado. A Rússia e a China não se dispuseram a aprovar o ataque. Não tem importância. Pode perfeitamente ser feito por fora. Bush não precisou do seu aval para ir à guerra de intervenção contra o Iraque. A troika que controla o mundo não precisou seguir ao pé da letra a autorização do Conselho no caso da Líbia. A ONU é a vaca de presépio adorada pelos tontos. Não serve em nada para conter as tendências bélicas do capitalismo em decomposição. Serve tão-somente para ocultá-las.

Seu secretário-geral pede de joelhos para que os Estados Unidos não façam nada sem antes ter em mãos o resultado da investigação de seus inspetores. O fato é que os imperialistas que precisam ativar seus arsenais estão em plena ofensiva.

O governo Sírio está proibido de usar as armas químicas por força de um tratado internacional. Mas as potências podem usar seus poderosos mísseis. Qual é a diferença entre as armas químicas e as bombas teleguiadas pelos Tomahawks? A semelhança é visível: ambos armamentos destroem em massa. A diferença é que a Síria pode produzir as armas químicas, mas não o aparato dos Tomahawks.

O genocídio do dia 21 de agosto reflete a barbárie na Síria. A guerra civil se internacionalizou. Não poderá haver qualquer solução positiva enquanto estiver submetida à reacionária internacionalização.

Os trabalhadores e a juventude do mundo devem repudiar o uso das armas químicas e dos Tomahawks. Somente a defesa da autodeterminação da Síria pode estabelecer um terreno sobre o qual os sírios comecem a sair da barbárie. Fora a intervenção imperialista!

Diretoria da APROPUC

Mais solidariedade à professora Bia Abramides

Passados seis meses desde a formulação da acusação contra a professora Bia Abramides, pela retórica nomeada da PUC-SP continuam a chegar manifestações de solidariedade e repúdio à instauração do processo político contra a diretora da APROPUC. Abaixo publicamos mais algumas manifestações

Ana Lúcia Faria-Instituto Técnico-Belo Horizonte; Ana Lucia Martins Kamimura-UNIPAG; Ana Luiza-Conlutas; Ana Maria Cartaxo - Assistente Social; Valdir Nascimento - IFSP; Michelle Dias da Silva - Ass. Social Casa Viviane dos Santos; Paula Carvalho - Estudante de direito PUC-SP; Fabio Hesus - Universidade 9 de Julho; Flávia Hoth - Trabalha na empresa Associação Blumenauense na luta contra o câncer; Ana Donato - Assistente Social - Taubaté; Iris Makhwmbha - estudante de serviço social; Sonia Lucio de Lima - Profª UFF; Sonia Melo Feitosa-Fac Católica NS Vitória; Sônia Regina Ribeiro de Carvalho - Ex-aluna da Pós PUC-SP; Simone Mariana M. Santos - Profª de geografia; Simone Pereira de Macedo - ex-aluna de Ciências Sociais; Sissa Ramos - Pesquisadora do International European - ICEU; Sheila Nadéria Rocha-UFPE; Sheila Paeter-UFRJ;

Shellen Galdino - Estudante de Serviço Social - Universidade Federal da Paraíba; Sheyla Suely - Assistente social - UEPB; Sean Purdy - Departamento de História - USP; Sebastião Antunes Ribeiro Filho - Estudante - USP/FFLCH - CSO; Sebastião Canuto - Profissional Liberal; Selma Assis - assistente social, ex-aluna da PUC-SP; Sérgio Koei - Funcionário Banco do Brasil; Terezinha Martins-Movimento de Mulheres; Thais Dourado - Estudante de História - PUC-SP; Thais Motta-UNB; Thiago Barreto Maciel, Prof. do IF Sudeste MG - campus Barbacena, militante do MNCR; Thiago Ribeiro - Estudante PUC-SP; Thiago Sobral-Escola Técnica Estadual; Thiago Sobreal - Militante LER-QI; Thiene Chemin - Servidora Pública Municipal; Frederico José Falcão - CTUR/UFRRJ; Frei Carlinhos Munhoz-Dominicano-Ordem dos Pregadores; Gabriel Dayoub- Estudante de direito da PUC-SP; Gabriel Gonçalves - Geógrafo; Gabriel Monteiro Leal Maia - Mes-trando do Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC-SP; Gabriela Arione - Ex-aluna da PUC-SP; Geiciane Soares da Rocha - A. S. do Proteção Social às Crianças e Adolescentes vítimas de Violência doméstica e sexual; Geraldo Martins de Azevedo Filho; Gicélia Almeida da Silva - Assistente Social

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Roberto Oliveira, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victoria C. Weischtord

Apropuc: Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: João Ramalho 182, 7º andar - Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 - Correio Eletrônico: pucviva.jornal@uol.com.br - PUCViva na Internet: www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Dia Nacional de Mobilização une protestos de sindicatos e estudantes

A sexta-feira passada, 30/8, durante o fechamento desta edição do **PUCviva**, foi o segundo dia nacional de mobilizações e paralisações pelo país, convocado por centrais sindicais e movimentos sociais. Os professores de São Paulo estiveram representados pelo Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo (Sinpro-SP) e pela Apeoesp, que convocaram duante toda a semana através de seus meios de comunicação a participação dos docentes.

O movimento estudantil da PUC-SP aderiu aos atos e, como é de costume, saiu do território da universidade

para protestar, como nas jornadas de junho pelo passe livre.

Desde cedo, na prainha, os estudantes da PUC-SP se reuniram para debater as lutas no país e na universidade, em uma roda de conversa convocada pelo movimento estudantil puquiano. Depois, mais tarde, houve concentração para a incorporação nos atos.

Muitas reivindicações fizeram parte do calendário de lutas do 30 de Agosto, como direitos trabalhistas, melhores condições de trabalho na educação básica estadual e a democratização da comunica-

ção. No período da tarde, no centro, servidores municipais fizeram um ato em frente à Prefeitura. Enquanto na Av. Paulista professores da educação básica protestavam.

Já na Praça Gentil Falcão, próxima à TV Globo, no início da noite, os manifestantes se reuniram para protestar pela democratização da comunicação e contra a emissora. "Nas manifestações, uma frase sempre está presente: 'O povo não é bobó, fora Rede Globo'. A poderosa emissora é o maior símbolo da concentração midiática do Brasil e está entre os principais impulsionadores

da criminalização de manifestações no país", afirma a divulgação do ato, publicada pela página no facebook Democracia na PUC.

Também à noite, na USP, aconteceu um ato por democracia da universidade, no período em que se aproximam as eleições para reitor da instituição. No último pleito, o segundo colocado, João Grandino Rodas, foi indicado para reitor pelo governador Geraldo Alckmin - através de lista triplíce, mesmo método que elegeu Anna Cintra -, o que gerou revolta e indignação democrática na universidade.



Defendendo as condições de trabalho de professores e funcionários

Os trabalhadores da PUC-SP, ao longo de sua história, conquistaram condições de ensino e trabalho que tornaram as associações como referências nacionais de conquistas trabalhistas. Assim foi com a licença paternidade que, antes de ser incorporada à Consolidação das Leis Trabalhistas, já estava incorporada aos acordos internos da PUC-SP.

O contrato por tempo de trabalho de professores, ao invés da hora-aula, contemplando as 40 horas semanais, constitui-se em

uma vitória da categoria que se refletiu em outras instituições de ensino do país.

Hoje, após denúncias de nosso acordo interno pela mantenedora, ocorridas após a crise de 2006, ainda mantemos diversas cláusulas superiores aos acordos de outros sindicatos.

A APROPUC e a AFA-PUC lutam anualmente para que nossas condições de trabalho não sejam mais aviltadas, denunciando, através do PUCviva, qualquer tentativa de rebaixamento de nosso cotidiano.

Na edição 693, de 6/4/2009, professores e funcionários rejeitam a "doação" de parte de seus salários para aliviar a crise da PUC-SP

O acordo interno tem se constituído em uma das grandes preocupações das categorias. O processo de renovação deste acordo tem sido uma das principais notícias das edições do PUCviva

FALA COMUNIDADE

Relance

Jorge Cláudio Ribeiro

Epifania sutilíssima. Não é uma coisa; é uma relação. Olhar, relance, envolvimento, risco, possível troca ou recusa. Algo meio sexual.

A cidade mundial - onde desaguam ondas de estrangeiros com as mais diversas origens e línguas, propósitos e experiência - favorece pouco as permutas no cotidiano miúdo e tende a restringi-las a monossílabos. Daí apelar-se à linguagem visual.

Em ambientes confinados como o metrô, nós, os passageiros, precisamos disciplinar o olhar ou, pelo menos, dissimulá-lo. Forçados a permanecer frente a frente com estranhos, muitos fecham os olhos para cochilar ou captar sons que chegam através de fiozinhos enfiados no ouvido; outros olham fixamente o chão ou a si mesmos nas janelas encardidas; outros, ainda, teclam aquela coisa, ludicamente ou atirando garrafas ao mar virtual, para alguém fora dali. Há quem até leia livros.

Lá dentro, entre os grupos, a dança muda. Os jovens, geralmente da mesma cor, adotam modos semelhantes de vestir e falar, sempre ao mesmo tempo. O que é uma forma de estar só. Quando há alguém muito bonita entre eles, prende a atenção dos colegas e atrai a dos demais passageiros. Já as famílias têm composição mais diversa e trocam olhares e palavras com naturalidade quase doméstica.

Na superfície, andar de ônibus ou caminhar pelas ruas sempre permite maior liberdade de vagabundear a vista pelos corpos e pela pai-

sagem urbana. Nas vitrines ou nos vidros dos automóveis estacionados, os pedestres conferem repetidamente a própria imagem. Há pessoas, em geral mulheres, que usam óculos escuros, máscara que serve de conveniente disfarce - a pessoa dirige o olhar para onde e para quem deseja, sem que o alvo se dê conta. Além disso, o adereço serve de maquiagem adicional para marcas de idade, bolsas sob os olhos, pálpebras inchadas. Afe! Sem mais detalhes...

Recém-chegado à cidade, desfrutei da vantagem de fazer contato sem compromisso. Essa "observação participante" acendeu em mim centelhas de "microsociologia da calçada". Logo aprendi que se eu armasse um discreto sorriso antes de me engajar numa troca de olhares, o contato viria a ser amistoso, mas sem exagero. Eu saía disso um pouco feliz. Pode-se pedir mais da vida?

Ao longo dessas andanças, fui esboçando uma tipologia. Por exemplo, identifiquei o olhar "tenho medo do mundo", em que a pessoa realiza rapidíssimos movimentos com a cabeça, como um radar a localizar possíveis ameaças, como eu.

Alguns olhares eram da espécie "o que você acha de mim"? As mais legais convidavam a confirmar "olha como sou bonita!". Elas costumavam ter razão e me deixavam lisonjeado com a colher de chá oferecida. Outras pareciam indagar se as considerava gordas ou feias - covarde, eu desviava os olhos. (Em meu país, quando cruzo com alguma linda na calçada, ela vira a cara).

Vivenciei "eye contacts"

bem humanos. Por exemplo, com as mães que carregavam seu bebê. Os olhos delas eram tão brilhantes e exalavam tamanha confiança naquela vida que haviam gerado, que nossa interação terminava em sorriso mútuo. Sorriso transferido para a criança que, de antemão, o oferecia gratuito a todo mundo. Às vezes, alguma mais crescidi-nha tomava a iniciativa, dava um tchauzinho e trocávamos umas palavrinhas, sob o olhar materno, severo e vigi-

lante. Outras, já picadas pelo ferrão da desconfiança, não retribuía nada. Então eu me recolhia, sem jeito.

Entretanto, os olhares mais livres eram os quase humanos. Giravam pelo mundo, sem rótulos, com afeto infinito e movidos pelo puro prazer de viver. Mesmo que não me dessem pelota, passei a reparar mais nos cachorros.

Jorge Cláudio Ribeiro é professor do departamento de Ciência da Religião da PUC-SP

Direito de resposta: Esclarecimentos

Francisco Antonio Serralvo

Na matéria de capa da edição 878, de 26/8/2013, sob o título "Estudantes questionam D. Odilo no Aniversário da PUC-SP", o PUCviva afirma que fui questionado por não ter me manifestado "contra a escolha de Anna Cintra" e por ter "ainda" assumido "um cargo no setor de Finanças da universidade". E continua a matéria: "D. Odilo, sem uma resposta direta, deixou que o próprio Serralvo explicasse seus motivos para não criticar Anna Cintra". O texto omite informações e distorce o que de fato se passou.

1. Pedi a palavra com um objetivo bem claro: reiterar que, como candidato, depois de conhecidos os resultados das urnas, declarei a D. Odilo, livremente e sem pressões - ao contrário do que sugeriram alguns estudantes -, que aceitaria a indicação que ele

viesses a fazer em respeito às normas da Universidade;

2. O texto se equivocou ao afirmar que D. Odilo "deixou" que eu explicasse os motivos de não ter criticado Anna Cintra. Não foi sobre isso que eu falei ao pedir a palavra. Reafirmo que aceitei a indicação de Anna Cintra para a reitoria por ser escolha legítima do Grão-Chanceler, inteiramente de acordo com os Estatutos da Universidade;

3. É lamentável a conotação do texto ao sugerir que eu assumi um cargo na Universidade por não ter me manifestado contra a escolha da atual reitora. O cargo que ocupo na Fundação São Paulo é no Conselho de Assessoria em Administração e Finanças, órgão de cunho colaborativo, não decisório, e que não remunera seus integrantes.

Francisco Antonio Serralvo é diretor da Faculdade de Economia e Administração

GAUCHE NA VIDA

Precisamos dos cubanos?

Elaine Tavares

Noite após noite a televisão - esse olho insone - joga na nossa cara a dor do mundo. Mas, de maneira espetacular, consegue virar o jogo. Os meninos negros, que são assassinados como moscas nas periferias das grandes cidades, não aparecem como vítimas. Eles são os "monstros" que andam por aí a fazer maldade. Ninguém diz o porquê deles ficarem assim, se é que ficaram mesmo. E os bons cristãos fazem o "pelo sinal" e agradecem pela polícia nos livrar dessa "corja". Também vemos os "terroristas", que podem ser os palestinos, os sírios, os iraquianos, os afegãos, sempre serão aqueles que estarão vinculados a algum plano do império estadunidense para vivenciar a "plena democracia". Não importa se para isso for necessário promover farsas macabras como a do 11 de setembro ou o assassinato de crianças inocentes com armas químicas. Tudo vale a pena porque a "democracia" não é pequena. E a classe média, aquecida em seus cobertores, esfrega as mãos e agradece pelo império fazer a defesa de seu castelo de sonhos, "o mundo livre".

Esses mesmos falsos burgueses, que pensam estar seguros com seus planos de saúde, agora se levantam contra a vinda dos médicos cubanos. Acreditam na revista *Veja*. Creem firmemente que essa gente solidária

nada mais é do que um povo escravizado que teme desobedecer a Fidel. Não sabem nada de Cuba, de sua história, da coragem de seu povo em estar há mais de 60 anos enfrentando o maior império da terra, e vencendo. Não sabem que na ilha socialista qualquer pessoa que queira, pode ser médico, engenheiro ou padeiro. Depende apenas de sua vontade. Não sabem que são esses profissionais que se formam na solidariedade ao caído, ao oprimido, que se deslocam para os mais terríveis lugares da terra unicamente para salvar e acolher. São esses jovens médicos cubanos os que estão no Haiti, curando feridas, enquanto os nossos jovens vão para lá de arma em punho, servir de cão de guarda ao império.

Agora vem essa polêmica por conta da vinda dos cubanos. De novo, o véu da alienação. Ninguém se pergunta por que um país como o nosso, tão rico, tão cheio de bênçãos, precisa desses abnegados cidadãos? Se os médicos cubanos são aqueles que partem para os confins do mundo, onde a dor do outro é tão intensa que mais ninguém quer ver, por que precisariam vir para o Brasil? Que porcaria de país é esse que arrota caviar, mas precisa dos médicos cubanos, esses que vão aonde ninguém quer ir?

Pois esse é um país no qual boa parte dos médicos sente nojo dos pobres, sente medo, sente asco. E por conta disso os deixam morrer nas

ruas, sem ajuda. Ou olham, sem sequer levantar da cadeira, uma pessoa ter um ataque do coração. Ou são aqueles que sequer levantam os olhos para o doente à sua frente num posto de saúde. Os que não apertam a mão, os que não tocam, não examinam, não reconhecem o enfermo como ser humano precisando de consolo.

Esse é um país aonde os jovens recém-formados se recusam a ir para o interior, para os lugares longínquos, para as selvas, para as favelas, os bairros de periferia. Nem mesmo altos salários os comovem. Deve ser, portanto, um problema de origem. Talvez um problema de classe. Quem é que nesse país pode se formar em medicina? Como pode um jovem da periferia ser médico se o curso exige tempo integral e custa os olhos da cara, mesmo numa escola pública? Pois esse é um país que forma médicos, dentistas, engenheiros, na sua maioria de classe alta. É, portanto, bem diferente de Cuba, que incentiva e garante o ensino dessas profissões, e por ter tantos profissionais pode mandá-los pelo mundo para que ajudem quem nada tem.

Assim que a vinda dos queridos irmãos cubanos para o Brasil, em vez de causar tanta indignação, deveria suscitar um alerta. Se temos tantos médicos como ficou parecendo nas passeatas dos "de branco", por que não os encontramos onde eles têm de estar? Por que precisamos

da ajuda dos cubanos, se eles estão acostumados a atuarem em lugares perdidos de toda a esperança, como os confins do continente africano, ou as aldeias andinas, ou os empobrecidos países do Caribe, como é o caso do Haiti? Em que medida o país do pré-sal, a quinta economia do mundo, se compara a esses tristes lugares onde só a solidariedade cubana é capaz de chegar?

Essas perguntas é que deveriam ser feitas por nós. O que é a medicina num país capitalista? Ela existe para salvar a vida, para dar conforto ou apenas para fazer girar a roda do lucro das farmacêuticas e dos mercadores da saúde? Por que não temos uma medicina preventiva? Por que não há médicos nos postos de saúde? Por que não estão eles nos hospitais, nas emergências, nas pequenas cidades do interior, no campo? Onde se esconde toda essa gente que agora anda a vociferar nas ruas?

Sim, nós não deveríamos precisar dos médicos cubanos. Nossa juventude deveria ter acesso às escolas de medicina, de odontologia, de veterinária. Deveríamos formar milhares e milhares de profissionais da saúde, para que cuidassem das gentes de todo o país. Deveríamos ter universidades de massa, nas quais os filhos do povo pudessem se formar com qualidade. E qualquer guri, mesmo aquele que vive lá

continua na próxima página

continuação da página anterior

no interior do Acre, deveria poder fazer realidade o sonho de ser "doutor". Mas, não é assim. Os médicos que temos são esses que vemos na televisão dizendo que se vierem os cubanos eles não vão ajudar quando eles errarem. Ou seja, que morra o vivente, apenas para provar que estão certos.

É certo que temos também muitos profissionais médicos que se assemelham aos cubanos, que dedicam suas vidas ao juramento que fizeram de cuidar, acolher, curar. Esses, sabemos reconhecer de apenas uma mirada. Mas, ainda são minoria. Para nossa desgraça, o que aparece são esses que vemos na TV a bradar contra os cubanos, mas não contra o estado de abandono que está

a população. E é isso que torna tudo ainda mais sórdido. Porque pessoas há que lhes dão razão, e não são poucas. Essas mesmas pessoas que, portando um plano privado de saúde, acreditam estar a salvo. Não estão. Mas, ainda assim, compactuam dos preconceitos, dos absurdos, da alienação e da mentira.

Eu realmente não queria que os médicos cubanos viessem para cá. Queria ter um país que não precisasse dessa ajuda solidária. Mas, ocorre que, em alguma medida, e em tantos lugares, somos tão desprotegidos como os irmãos do Haiti ou de alguma longínqua aldeia africana. É certo que os médicos cubanos são só pessoas, não fazem milagres. Mas, não há dúvidas de que a medicina que se ensina e pratica na ilha caribenha se difere em muito da nossa. Ela

pensa o ser como uma vida integral, alguém que tem nome, sobrenome, sonhos, esperanças. Não é um dado na ficha, um inoportuno, um zé ninguém. E é por conta disso que quero receber essa gente única com todo o amor que há nessa vida. Eles saem de suas casas para fazer o que nossos profissionais deveriam fazer. Rogo a todos os deuses que eles tragam, mais do que essa solidariedade abissal, também o germe da rebeldia, para que nosso povo possa compreender que já é chegada a hora de fazermos a transformação. E que a gente avance para um país que não precise dos cubanos, um país que possa ser ocupado por nós mesmos. Mas, para isso, haveremos de mudar a universidade, mudar o país, e sair desse sistema que mercadeja com a saúde e a vida.

Os cubanos podem até não salvar todas as vidas, mas, não duvido, eles serão capazes de segurar a mão do que padece e dizer: "não tema, eu estou aqui". Porque são feitos de outro barro. Socialista.

Elaine Tavares é jornalista

A matéria originalmente foi publicada no Portal Vermelho (<http://www.vermelho.org.br>)

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

Consun renovado reúne-se pela primeira vez no semestre

A sessão ordinária de agosto do Conselho Universitário (Consun) contou com a presença dos novos conselheiros docentes, eleitos em junho passado. Assumiram a sua representação os novos diretores de faculdades e os representantes docentes eleitos. Já a nova bancada dos funcionários somente deverá assumir no próximo conselho.

A pauta comportou poucas polêmicas, seguindo a tendência do conselho de deixar de lado as questões fundamentais da universidade e tratar de assuntos mais burocráticos, como se a situação da PUC-SP estivesse normalizada.

Mesmo assim alguns as-

suntos mereceram atenção especial, como o caso do pedido formulado pela professora Celia Melo, do departamento de Jornalismo, de reabertura de sindicância por ela movida contra alguns professores do departamento. A representante da Fundação São Paulo, Christiane Salomão, havia pedido vistas do processo em junho e encaminhou pelo não conhecimento do recurso através do Consun, uma vez que, segundo o estatuto da PUC-SP, o pedido deveria ser dirigido, a uma instância superior ao reitor - no caso o cardeal D. Odilo Scherer ou o Conselho Superior da Fundação São Paulo. A reitoria

não entendeu assim, compreendendo que o Consun teria sim o direito de desarquivar o processo.

Depois de uma breve discussão o plenário decidiu por dar conhecimento ao recurso, reabrindo a questão. Alguns conselheiros, no entanto, como a professora Neide Nófis, encaminharam que a reabertura do processo deveria ser efetuado em clima de conciliação entre as partes, evitando-se possíveis retaliações. O mérito da questão deverá ser discutido nas próximas sessões do Conselho.

Outro assunto que mereceu destaque foi a aprovação do Núcleo de Inovação Tec-

nológica (NIT), criado na gestão do professor Dirceu de Mello e ainda carente de uma aprovação por parte do Conselho. O Consun também encaminhou para que o professor Vico Mañas, ex-vice reitor e idealizador do projeto, compareça ao conselho para dar maiores esclarecimentos sobre ele.

Vários assuntos foram remetidos à próxima sessão do conselho, ou sessões extraordinárias, por demandarem discussões mais aprofundadas. Foi o caso do regulamento do Pós-Graduação, que deverá voltar a ser debatido em sessão marcada para o dia 18/9.

MOVIMENTOS SOCIAIS

Moradores de Paraisópolis denunciam desrespeito ao direito de moradia

Na quarta-feira, 28/8, às 13h, aconteceu no prédio do Ministério Público, no centro de São Paulo, uma audiência pública para apurar o desrespeito aos direitos de moradia e abusos de poder na comunidade de Paraisópolis.

Segundo nota dos moradores da comunidade, "a audiência pública visa obter informações e esclarecimen-

tos acerca das diversas obras que hoje impactam o direito à moradia na comunidade, como as desapropriações para construção de unidades habitacionais e o projeto da linha 17-Ouro do Metrô, buscando, a partir disso, ações e melhorias em benefício da comunidade do Complexo de Paraisópolis".

Nas últimas semanas, moradores vêm denunciando

o não pagamento do bolsa-aluguel, de R\$400, para parte da população removida por essas obras, cujo total pode chegar a mais de 2 mil pessoas. Eles denunciam ainda que o conjunto habitacional construído para as pessoas removidas fica numa região de alagamento natural, e que paredes de algumas casas já apresentam rachaduras e infiltrações.

MTST organiza ocupação "Faixa de Gaza"

No final de semana passado, o MTST organizou na comunidade de Paraisópolis, na divisa com o Morumbi, uma nova ocupação de moradores em situação de rua, ou sem-teto. Segundo o MTST, que também conta com a ajuda do movimento Periferia Ativa, a ocupação já conta com 700 famílias, e as assembleias reúnem cerca de mil pessoas.

"Faixa de Gaza". Esse é o nome da ocupação que fica em uma área de 10 mil m²

entre mansões de um lado e a favela do outro. O terreno ocupado pertence ao Governo Federal, sob posse da empresa Finep. Em nota, o MTST convida a todos para visitar o acampamento na rua Silveira Sampaio, Paraisópolis.

OCUPAÇÃO ZUMBI DOS PALMARES

Já em Sumaré, interior do estado, o MTST alcançou mais uma vitória do movimento: moradores da

ocupação Zumbi dos Palmares, que há mais de 5 anos vinham lutando pelo direito de ter uma casa própria, conseguiram um terreno onde poderão ter moradia.

O terreno foi conquistado junto à prefeitura de Sumaré. Nos últimos meses, o MTST havia intensificado as mobilizações pela ocupação Zumbi dos Palmares, chegando a ocupar a sede da prefeitura no início desse ano, quando avançaram as negociações para a conquista do terreno.

Comitê pela desmilitarização é lançado no Ecla

Diante da evidência da truculência policial e do abuso do poder militar, principalmente nas manifestações políticas e nas periferias, os movimentos sociais de São Paulo decidiram se organizar

para denunciar e combater essa lógica.

Na terça-feira, 27/8, partidos políticos, em conjunto com movimentos populares e sindicatos lançaram no Espaço Cultural Latino Ame-

ricano (Ecla) o "Comitê pela desmilitarização da polícia e da política".

No evento, houve a projeção do documentário "Com vandalismo" e debate acerca do tema da desmilitarização.

**Tribunal Popular
convoca
reunião da
"Universidade
Livre"**

O Tribunal Popular: o Estado brasileiro no banco dos réus, rede de movimentos de direitos humanos, está organizando uma reunião de movimentos sociais e educadores para debater e construir a universidade livre e popular. A ideia é trazer o conhecimento não acadêmico e informal, como os saberes tradicionais e originários, para a formação de jovens da periferia, que muitas vezes não tem acesso à educação pública.

A próxima reunião acontece às 10h, no dia 8/9, no Sacolão das Artes, no Parque Santo Antônio, zona sul da capital. Para mais informações, acesse o site <http://solidariedadeguaranikaiowa.wordpress.com> ou a página no facebook <https://www.facebook.com/SolidariedadeAoPovoGuaraniKaiowa>.

Tupinambás realizam caminhada de luta

Os índios Tupinambás, da Bahia, convidam a todos para conhecer a realidade indígena na "V Trajetória Índio Caboclo Marcelino", que acontecerá de 24 a 28 de Setembro, e na "XIII Caminhada Tupinambá", dia 29 de Setembro.

No evento, será discutida a resistência histórica do povo Tupinambá e o atual momento de retomadas de terra indígena.

ROLA NA RAMPA

Pró-reitoria altera regulamento para depósito de teses

Na semana passada, a Pró-reitoria de Pós-graduação informou aos estudantes que a regulamentação de depósitos de teses e dissertações foi alterada – antes, os alunos com prazo até dezembro poderiam depositar até o mês de março do semestre seguinte sem que fosse necessária a matrícula no semestre seguinte, e os estudantes com prazo em junho teriam até agosto, também sem que houvesse necessidade de renovação de matrícula. No entanto, com as alterações, a pró-reitoria só aceitará teses que estejam matriculados no momento do depósito. Essa modificação atinge a todos os que já estão matriculados, mas

particularmente àqueles que terminam suas pós-graduações no final do ano. Contando com o prazo até março de 2014, muitos nem foram qualificados ainda, mas terão que depositar em dezembro ou pagar mais um período de mensalidades – as duas opções representam possibilidades reais de prejuízos significativos à qualidade do trabalho e a própria possibilidade de conclusão do mesmo. A Comissão Discente do Programa de Psicologia Social já está se articulando com os estudantes de outros programas de pós-graduação para procurar resolver a situação, já programando um abaixo-assinado para reversão da decisão.

Professora da Psicologia lança livro sobre Jung

A professora Eloísa Penna, do curso de Psicologia, lança nesta segunda-feira, dia 2/9 seu livro "Epistemologia e método na obra de C. G. Jung",

pela Editora da PUC-SP, Educ. O evento ocorre a partir das 18h, na Livraria da Vila (rua Fradique Coutinho, 915 - Vila Madalena).

13ª Semana de Ciências Sociais debate democracia

Entre os dias 2 e 6/9 ocorre a 13ª Semana de Ciências Sociais, que este ano debaterá as "Encruzilhadas da democracia", com foco nas recentes mobilizações que paralisaram as cidades brasileiras e o papel do cientista social diante de tais acontecimentos. Durante a semana, ainda haverá a apresentação das várias áreas que compõem o curso,

as linhas de pesquisa para enfrentar os problemas do tempo presente e a singularidade do Curso de Ciências Sociais da PUC-SP que, desde a década de 1960, vem formando cientistas sociais de reconhecida qualidade. Para conferir a programação completa, acesse o site <http://www.pucsp.br/graduacao/xiii-semana-de-ciencias-sociais>.

NU-SOL apresenta mais uma aula-teatro

A 13ª aula-teatro do Núcleo de Sociabilidade Libertária acontece no dia 2/9, às 20h no Tucarena. Como parte da Semana de Ciências Sociais, o tema da apresentação será "Limiares da liberdade", complementando as palestras da semana, que falarão de democracia. Os ingressos

para o evento podem ser retirados na data da apresentação na bilheteria do Tucarena a partir das 18h30. O evento é organizado também pela Faculdade de Ciências Sociais, pelo Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais e pelo Projeto Temático FAPESP.

Fundação SP abre edital de bolsas

A Fundação São Paulo abriu edital de bolsas de estudo para o segundo semestre de 2013. Até o dia 3/9 estudantes da graduação poderão demonstrar interesse por uma das 284 bolsas. A primeira chamada ocorrerá no dia 9/9, com entrega de documentos entre os dias

10 e 13/9 e resultado da primeira chamada no dia 20/9. Haverá ainda uma segunda chamada, iniciada no dia 20/9. Para conferir o edital e outras informações, acesse o site da universidade em <http://www.pucsp.br/alunos/bolsas-e-financiamentos>.

Programas de pós graduação organizam debates

O pós em Comunicação e Semiótica, o Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Comunicação e Cibercultura (CENCIB-PUC-SP) e o Grupo de Pesquisa em Mídia e Estudos do Imaginário da UNIP organizaram duas reuniões científicas, com conferência do professor Germán Llorca Abad, da Universidade de Valência. A primeira ocorreu no dia 28/8 no campus Ipiranga com o tema "A sociodromologia fenomenológica de Paul Virilio", e a segunda ocorreu no dia 29/8, no campus Perdizes, debatendo "Paul Virilio e a Comunicação".

Já o programa de pós-graduação em Economia Política organiza no dia 2/9 a palestra "Planejamento Democrático na Economia Mista", com o professor Ignacy Sachs (CNRS - Paris)

e moderação de Ladislau Dowbor. O debate acontecerá às 19h30 no auditório "Prof. Paulo Freire", no andar superior do Tuca. Para informações, ligue para 3670-8516.

Os programas de pós-graduação em Educação: Currículo e Serviço Social e o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Movimentos Sociais (NEMOS) promoveram no dia 28/8 a atividade inaugural e mesa de debates Manifestações de rua: juventudes, contextos, movimentos. O evento contou com a participação das professoras Branca Jurema Ponce (Pós em Educação: Currículo), Sílvia Helena Borelli (Pós em Ciências Sociais), Rosângela Dias (assistente social e membro do NEMOS) e Anna Luiza Salles (socióloga e membro do Instituto Pólis).